

O desafio da proximidade

Gilberto Velho

A antropologia ampliou de tal forma o seu campo de atuação nas últimas décadas que se torna cada vez mais difícil indicar tema ou fenômeno sociocultural que não tenha sido objeto de pesquisa ou pelo menos de algum tipo de reflexão. A cidade é em grande parte responsável por essa expansão, à medida que os antropólogos crescentemente identificam e constroem objetos de investigação no meio urbano.

No Brasil — embora haja alguns antecedentes importantes —, foi sobretudo a partir do início dos anos 1970 que, de modo mais sistemático, se incorporou a cidade ao campo da investigação antropológica. Esse movimento significou uma mudança em relação aos eixos de preocupação até então dominantes, que eram a etnologia, as relações interétnicas e o estudo de grupos camponeses e/ou de situações tradicionais, como os que constituíram o objeto dos *estudos de comunidade*.

Desde Nina Rodrigues, na passagem dos séculos XIX para o XX, os cultos afro-brasileiros e as populações de origem africana em geral têm sido objeto de atenção dos antropólogos brasileiros e estrangeiros, como Edison Carneiro, Roger Bastide, Artur Ramos, Ruth Landes e Melville Herskovitz. Na maior parte dos casos, tratava-se de focar populações urbanas. Os autores mencionados atuaram sobretudo entre os anos 1930 e 1960 do século XX. A temática dos cultos afro-brasileiros e outras manifestações religiosas não só continuam sendo importantes, mas tornam-se, no interior dos estudos urbanos, uma das áreas mais produtivas. Só que agora, a partir dos anos 1970, estão associados a significativas alterações de enfoque e de perspectiva.¹

Os antropólogos que pesquisam nas cidades passaram progressivamente a voltar seu interesse para a investigação de sistemas e redes de relações. Também as favelas, outra área de investigação de raízes mais antigas,² passaram a estimular a elaboração de trabalhos em que elas faziam parte de situações e processos sociais mais amplos, envolvendo, portanto, outros atores.³ Os antropólogos começaram a se aproximar cada vez mais, entre outros movimentos, de seus universos de origem. Cabe registrar, nesse sentido, a importância de *Carnavais, malandros e heróis*, de Roberto Da Matta,⁴ que constituiu um marco nesse desenvolvimento, com suas análises de rituais da sociedade brasileira. Sem dúvida, no largo espectro de investigação, as já mencionadas favelas, os cultos afro-brasileiros, a classe trabalhadora, as camadas populares em geral, os grupos desviantes, entre outros, foram temas privilegiados. Porém, de várias maneiras, os antropólogos brasileiros foram se defrontando com situações próximas e mais ou menos “conhecidas”.

Foi assim que se redescobriu Gilberto Freyre, autor durante muitos anos relativamente marginalizado ou esquecido das instituições universitárias. Sobretudo o livro *Sobrados e mocambos*⁵ passou a ser visto como pioneiro na pesquisa das relações entre diferentes categorias sociais no meio urbano. Freyre, em toda a sua obra, certamente também foi precursor na investigação de seu próprio meio. A partir dos anos 1970, os pesquisadores que estudam a umbanda, por exemplo, passaram a reconhecer suas empregadas domésticas⁶ e, em centros espíritas, começaram a encontrar conhecidos e vizinhos.⁷ Aliás, esses pesquisadores chegaram a diferentes grupos e a diferentes locais por intermédio de pessoas que faziam parte de suas relações mais ou menos íntimas. Não é essa a situação de um pesquisador que, em uma terra estranha, consegue se aproximar de informantes que poderão, com maior ou menor facilidade, promover novos encontros. O pesquisador brasileiro, geralmente em sua própria cidade, vale-se de sua rede de relações previamente existente e anterior à investigação.

Minha experiência pessoal começou com uma pesquisa em Copacabana, realizada no contexto da dissertação de mestrado que gerou o livro *A utopia urbana*.⁸ Eu era morador de Copacabana já há 16 anos e, ao me casar, fui residir no mesmo bairro, em um

prédio de apartamentos conjugados. A casa de meus pais ficava a duas quadras dali, em um edifício habitado sobretudo por oficiais superiores das Forças Armadas, profissionais liberais e suas famílias. A partir dessa primeira experiência de pesquisa, tenho procurado refletir — em meus próprios trabalhos e nas discussões com meus alunos — sobre proximidade e distância, familiaridade e estranhamento.

No artigo “Observando o familiar”,⁹ procurei explicitar alguns problemas teórico-metodológicos advindos da experiência da pesquisa em Copacabana e com o universo estudado em minha tese de doutorado, *Nobres e anjos*.¹⁰ Se, em Copacabana, eu pesquisara uma pequena classe média espacialmente próxima, mas relativamente distanciada de meu universo de origem, no segundo caso, lidei com pessoas não só de grande proximidade sociológica, mas que, em significativa proporção, faziam parte do meu círculo de amizades.

Vale salientar que a distância que me afastava do universo *white-collar* copacabanense não era similar à que aparta aristocracia feudal e servos da gleba. Fui morar no prédio de apartamentos conjugados porque o recebera de meu pai, como precioso presente de casamento dado a um casal de estudantes de graduação que dependia de bolsas modestas e irregulares para sobreviver. Ou seja, minha família possuía naquele prédio um apartamento para renda e passou-o às minhas mãos. Minha avó paterna, inclusive, ali passara alguns meses depois que enviudara.

Assim, nossa estada naquele prédio por cerca de um ano e meio colocava-nos em princípio numa situação de trânsito para um lugar melhor. Não éramos os únicos nessa categoria, mas seguramente integrávamos a minoria. Predominavam no prédio bancários, comerciários, funcionários públicos que ocupavam no máximo uma posição intermediária em seus trabalhos. Contudo, assim como minha avó, havia também uma população de idosos casados, solteiros ou viúvos, de níveis variados dentro do universo das camadas médias urbanas. Por outro lado, em alguns apartamentos viviam moças classificadas como prostitutas ou garotas de programa. O mais fascinante no prédio era essa heterogeneidade de figuras e estilos.¹¹ Nesse ponto, havia um flagrante contraste

com a relativa homogeneidade sociocultural do edifício de meus pais.

Às vezes penso se nossa convicção de que a permanência no prédio era transitória não se matizava por uma leve preocupação sobre a possibilidade de que, se as coisas não dessem certo, poderíamos ali ficar por um tempo bem maior do que inicialmente imagináramos. Isto é, na dinâmica dos processos de mobilidade da sociedade brasileira moderno-contemporânea, as distâncias não são como as da sociedade de castas da Índia clássica.

Já na pesquisa para o doutoramento, dediquei-me ao estudo das camadas médias superiores na fronteira com as elites. Esses limites eram um tanto complexos porque envolviam renda, status, educação e estilo de vida. Em certas situações, poderiam conviver famílias de banqueiros com artistas e intelectuais de situação financeira modesta, embora com algum prestígio ou notoriedade social. Essas diferenças não eram ignoradas, mas colocadas entre uma espécie de parêntese. Quando decidi pesquisar a “aristocracia

de estratos médios”, já tinha noção das peculiaridades da tarefa. Alguns dos membros dessa camada tinham ligação com minha família, e outros haviam sido colegas meus de curso secundário. Assim, os vínculos que havia dentro do universo envolviam relações de parentesco por descendência e aliança, além de antigos laços de amizade e coleguismo.

No Edifício Estrela, em Copacabana, baseei-me sobretudo na observação direta e no contato permanente com os moradores e com a vida do prédio em geral. Conversei com as pessoas e assisti a conflitos e dramas de todos os tipos. Mas o tempo todo sentia-me como alguém de fora daquele mundo, embora hoje possa até relativizar um pouco essa visão. No caso de *Nobres e anjos*, eu via-me, em relação aos “nobres”, como um par, como um professor e pesquisador, assim como os outros eram artistas, jornalistas, diplomatas etc. Já em relação aos “anjos”, a distância geracional produzia diferenças significativas em termos de ethos e linguagem, ainda mais acentuadas pelas características próprias do mundo dos surfistas usuários de drogas e seu entorno. O auxílio de um assistente de pesquisa mais jovem ajudou-me a lidar com essas dificuldades. No entanto, o foco principal do trabalho estava nos “nobres”, com

quem eu convivia com regularidade. Entrevistei vários deles, às vezes mais de uma vez, complementando a observação participante, meu ponto de partida. Na verdade, transformei parte significativa de minha rede de relações sociais em objeto de pesquisa, em um movimento um tanto heterodoxo para os padrões tradicionais da antropologia. Portanto, eu já possuía um tipo de conhecimento e de informação apreciável sobre parte do universo que me propus investigar.

Foi importante e crucial o movimento de *estranhar o familiar* — tarefa nada trivial e, com certeza, nem sempre bem-sucedida. Felizmente, creio que nunca tive idéias onipotentes e equivocadas de estudar amigos e conhecidos como se fossem formigas. Havia uma consciência da dificuldade de desnaturalizar noções, impressões, categorias, classificações que constituíam minha visão de mundo. Cabe no entanto mencionar que, por razões de formação e trajetória pessoais, o exercício de um certo distanciamento não me era estranho. É possível que isso passe por um interesse em literatura e história anteriores à própria opção pela pesquisa an-

tropológica. Creio que esta veio acentuar e fortalecer certas características de meu perfil intelectual.

O fato é que, hoje, estudar o próximo, o vizinho, o amigo, já não é um empreendimento tão excepcional. Ao contrário, multiplicam-se os trabalhos de pesquisa sobre camadas médias, gênero, geração, vida artística e intelectual, família e parentesco, religião, política etc., que implicam lidar com a problemática da familiaridade e do estranhamento. Creio que este é um movimento muito forte e característico da produção antropológica brasileira, que — pelo menos desde meados dos anos 1960 — procurou responder a desafios e questões produzidas pelo golpe de 1964 e pela instauração do regime militar. Nesse sentido, era importante ampliar e aprofundar o campo de pesquisa antropológica. Era interessante, política e cientificamente, estudar os grupos dominados mais explorados e oprimidos. Contudo, as investigações de outros segmentos e categorias, como as camadas médias e as elites, também se revelavam importantes.

Uma outra subárea dentro dos estudos urbanos que teve grande desenvolvimento no mesmo período foi a das pesquisas

sobre desvio e comportamento desviante. Assim, doença mental, prostituição e homossexualismo são alguns dos temas presentes em *Desvio e divergência*, livro que publiquei, em 1974, reunindo textos meus e de meus alunos. O uso de drogas foi um dos ganchos básicos de minha aproximação com o universo das camadas médias superiores da Zona Sul do Rio de Janeiro, estudado em *Nobres e anjos*. Houve, por conseguinte, uma aproximação com a área psi, em função de alguns interesses e algumas preocupações em comum. A própria tradição interacionista, forte influência em nossos trabalhos, estava ligada desde as suas origens à psicologia social.¹² A temática *indivíduo e sociedade* está, portanto, estreitamente ligada a boa parte das investigações em meio urbano que se multiplicaram a partir dos anos 1970. Não só os autores da Escola de Chicago, herdeiros da obra de Georg Simmel, mas outras correntes, como os trabalhos de Michel Foucault,¹³ enriqueceram o repertório intelectual das pesquisas antropológicas em expansão.

Os objetos estudados e as perspectivas teóricas mais utilizadas levaram inevitavelmente ao uso crescente de histórias de vida, biografias e trajetórias individuais. Dessa forma, os indivíduos, na sua singularidade, também se tornaram matéria da antropologia, à medida que eram percebidos como sujeitos de uma ação social constituída a partir de redes de significados. Em lugar de considerar os indivíduos como determinados por instâncias englobantes anteriores, passava-se a estudá-los como intérpretes de mapas e códigos socioculturais, enfatizando-se uma visão dinâmica da sociedade e procurando-se estabelecer pontes entre os níveis micro e macro.

Essa perspectiva era fundamental para eu poder lidar com o universo de camadas médias superiores que estudei, porque se tratava claramente de indivíduos com discursos e práticas de crítica e inovação. É claro que entre os pesquisados em Copacabana encontrei também pessoas que faziam comentários e reflexões relevantes, como pode ocorrer em qualquer sociedade ou grupo social. No entanto, ao lidar com um setor mais intelectualizado da sociedade brasileira, deparei-me, e sem surpresa, com artistas, intelectuais e profissionais liberais informados, em maior ou menor grau, a respeito de sociologia, psicanálise, história e literatura.

Alguns não só respondiam às questões feitas por mim como também construíam respostas nas quais estavam presentes alguns dos principais temas da *intelligentsia*, não só brasileira, mas internacional.

Em meu livro *Subjetividade e sociedade*,¹⁴ em que transcrevo depoimentos mais extensos, isso fica ainda mais nítido. Anos depois de pronta a tese, por ocasião de sua publicação, alguns dos pesquisados conversaram comigo, expondo seus pontos de vista e tecendo observações interessantes. Nem todos eles eram intelectuais, e não apenas os mais intelectualizados tecem comentários sobre livros escritos a seu respeito. Basta lembrar o *Street corner society*, de William Foote Whyte,¹⁵ no qual o autor conta as reações e mesmo as críticas feitas ao livro por alguns indivíduos do seu universo de pesquisa, habitantes de um bairro popular de uma cidade norte-americana.

A formação dos mais intelectualizados entre os meus entrevistados, portanto, era basicamente uma combinação de psicanálise, algum marxismo, história da arte, literatura e, em poucos casos,

ciência política e economia. Nenhum deles era cientista social na época, mas muitos estavam bem informados a respeito das questões críticas da sociedade brasileira contemporânea e com elas se preocupavam. Uma das principais conseqüências disso era que o diálogo entre nós se dava com bastante plenitude. Embora eu fosse muito próximo de alguns de meus pesquisados, essa não era a regra. Com alguns deles eu tinha contato escasso e ocasional. Outros eu conhecia praticamente de vista e de cumprimentos mais ou menos formais. Essa situação ajuda-nos a pensar, não só sobre o tipo de pesquisa possível, como também a respeito de algumas características da sociedade contemporânea.

Desde Simmel, pelo menos, discute-se e analisa-se a natureza complexa e diversificada da vida na metrópole.¹⁶ O crescimento das cidades, as mudanças e a produção de novos valores marcam fronteiras em relação a uma sociedade tradicional. Retomo aqui um ponto que já explorei em outros textos.¹⁷ Não só a complexidade e a diferenciação sociológicas, mas a multidimensionalidade do mundo real, expressa em diferentes níveis e províncias de significado, nos termos de Alfred Schutz,¹⁸ apontam para processos de

construção de identidades em que o pertencimento a vários grupos, redes e círculos sociais é fenômeno básico a ser investigado e compreendido na sociedade moderno-contemporânea.

Deriva daí a importância do estudo de projetos individuais e coletivos nos quais as possíveis contradições e ambigüidades, provenientes dos multipertencimentos, apresentam-se, pelo menos em parte, subordinadas a uma ação racional. Ao mesmo tempo, é esse multipertencimento que permite ao antropólogo pesquisar sua própria sociedade e, dentro dela, situações com as quais ele tem algum tipo de envolvimento e das quais participa. O fato de não ser englobado por nenhum grupo exclusivo — somado às próprias características e à formação do antropólogo, que, em princípio, produz e valoriza uma certa distância — permite o movimento de estranhamento crítico diante do próximo.

As possibilidades desse empreendimento ser bem-sucedido dependem, sem dúvida, das peculiaridades das próprias trajetórias dos pesquisadores, que poderão estar mais inclinados ou aptos a trabalhar com maior ou menor grau de proximidade de seu objeto. Logo, para variar, não há fórmulas nem receitas, e sim tentativas de armar estratégias e planos de investigação que evitem esquematismos empobrecedores. Assim, cada pesquisador deve buscar suas trilhas próprias a partir do repertório de mapas possíveis.

Notas

1. Ver, por exemplo, Yvonne Maggie, *Guerra de orixá*; Patrícia Birman, *Fazendo estilo criando gêneros*.
2. Anthony Leeds e Elizabeth Leeds, *A sociologia do Brasil urbano*.
3. Ver, por exemplo, Carlos Néelson Ferreira dos Santos, *Movimentos urbanos no Rio de Janeiro*; Ana Heye, *Mata Machado*.
4. Roberto Da Matta, *Carnavais, malandros e heróis*.
5. Gilberto Freyre, *Sobrados e mocambos*.
6. Yvonne Maggie e Márcia Contins, "Gueto cultural ou umbanda como modo de vida: notas sobre uma experiência de campo na Baixada Fluminense".
7. Maria Laura Cavalcanti, *O mundo invisível*.

8. Gilberto Velho, *A utopia urbana*.
9. Gilberto Velho, "Observando o familiar".
10. Gilberto Velho, *Nobres e anjos*.
11. Gilberto Velho, "Cotidiano e política em um prédio de conjugados".
12. Ver, por exemplo, Erving Goffman, *Manicômios, prisões e conventos*, *A representação do eu na vida cotidiana* e *Estigma*; Anselm Strauss, *Espelhos e máscaras*; Herbert Blumer, *Symbolic interactionism*.
13. Michel Foucault, *História da loucura na Idade Clássica*.
14. Gilberto Velho, *Subjetividade e sociedade*.
15. William Foote Whyte, *Street corner society*.
16. Georg Simmel, *On individuality and social forms*.
17. Gilberto Velho, *Subjetividade e sociedade*, cap. 1.
18. Alfred Schutz, *Collected papers* e *Fenomenologia e relações sociais*.

Fonte: <http://books.google.com.br/books?id=dJwUT5s53uQC&printsec=frontcover#v=onepage&q&f=true>

Site visitado em 14/10/2011

Livro: **Pesquisas urbanas: desafios do trabalho antropológico**

Por Gilberto Velho, Karina Kuschnir - pág 11 – 19